

Traço cinza: A negatividade na charge jornalística

Adriano Charles Cruz*

Índice

1	A negatividade como valor-notícia	3
2	O semi-simbolismo e o contexto histórico na construção da negatividade	6
3	Conclusão	12
4	Bibliografia	13

A charge é um importante tipo de texto jornalístico que tem uma clara função opinativa, revelando as idéias e as questões sociais que são debatidas em uma determinada época histórica. Aparentemente simples, em decorrência da economia do traçado, tais textos carregam uma crítica de caráter sociopolítico, provocando o leitor e levando-o a participar ativamente da leitura e do efeito de sentido obtido.

O chargista encontra no cotidiano os elementos para a construção do seu discurso, com olhar perspicaz e agudo aos problemas e às mazelas sociais, ele realiza um trabalho quase artesanal¹, buscando, entre traços e cores, a crítica que, disfarçada no riso, se torna eficaz. Possuindo um caráter volátil, como o jornal que depois de lido é jogado fora, a charge está condenada a não ser uma obra de arte como a pintura e a fotografia. Entretanto, defendemos que além da

*Professor da UFRN. E-mail: adriano@cchla.ufrn.br

¹ Para Canclini (2005, p. 249), as charges ou caricaturas são híbridas por natureza: “Elas são práticas que desde o seu nascimento ignoraram o conceito de coleção patrimonial. Lugares de interseção entre o visual e o literário, o culto e o popular, elas trazem o artesanal para perto da produção industrial e da circulação em massa”.

sua utilidade sociodiscursiva, a sensibilidade e o apuro estético também podem ser encontrados nesses desenhos².

Sabemos ainda que, desde os anos de 1950, com o advento na Inglaterra dos Cultural Studies, fortemente influenciados pelo estruturalismo francês e voltados às temáticas da sociedade e da linguagem, as culturas midiáticas, alternativas e populares são passíveis de serem estudadas no âmbito acadêmico. Essa perspectiva teórica provocou uma dessacralização da arte ao ampliar para além da literatura o seu *corpus* de trabalho, analisando as artes menores e as não-tradicionais. Dessa forma, no esteio dessa concepção, consideramos a charge como uma importante manifestação cultural e ideológica servindo, ainda, como uma ferramenta antropológica para a análise do cotidiano e das relações sociais, sobretudo, as de caráter político.

Partimos do pressuposto que as charges ao criticarem determinadas situações ou pessoas possuem um caráter pessimista, uma visão de mundo negativa, que se encontra presente atrás do humor. Para tanto nos embasamos nas teorias do jornalismo, notadamente, a teoria do *newsmaking* identificando os valores-notícia, ou seja, os critérios de seleção das charges. Segundo Wolf (2005, p. 202), esses valores “[...] representam a resposta à seguinte pergunta: quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos, relevantes para serem transformados em notícia?” Em nosso caso, o resultado dessa opção estará materializado no texto opinativo da charge jornalística.

Escolhemos como *corpus* os desenhos do *Diário de Pernambuco*, por ser o mais antigo jornal em circulação da América Latina e um dos mais abrangentes de Pernambuco. Selecionamos temporalmente o mês de maio do ano de 2004, por ter sido esse um ano em que o Brasil vivenciou muitas dificuldades no plano econômico e social, como os altos índices de desemprego, as pressões políticas ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a elevação das taxas de juros dos Estados Unidos e as suas conseqüências para o nosso país. Após essa seleção, fizemos uma análise de conteúdo, identificando os principais temas apresentados nas charges, segundo os critérios de noticiabilidade. Posteriormente, analisamos três charges a partir da semiótica francesa, utilizando o conceito de semi-simbolismo, buscando identificar como a negatividade se encontrava presente e quais estratégias narrativas foram utilizadas para a produção desse efeito de sentido.

² Um argumento favorável a isso é que, no decorrer da história, grandes artistas se dedicaram à caricatura de forma geral, tais como: Albrecht Dürer (1471-1528) e Honoré Daumier (1808-1879).

1 A negatividade como valor-notícia

A noticiabilidade e, particularmente, os valores-notícia são hoje um dos mais profícuos temas de investigação dos estudos de jornalismo. Segundo Traquina (2005), diversos esforços foram empregados para descobrir “como as notícias são o que são”. Dentre os valores-notícias, a negatividade encontra-se em destaque, uma vez que relatos de acidentes, desastre, conflitos e mortes sempre se fizeram presentes nos jornais, aguçando e alimentando a curiosidade dos seres humanos.

A escolha dos temas que farão parte do jornal é um processo complexo que envolve fatores organizacionais, extra-organizacionais e culturais. De acordo com Pena (2005), o conhecimento do que é notícia é um dos saberes incutido nos jornalistas pela tradição do seu grupo. Nessa concepção teórica, os profissionais da imprensa formariam uma espécie de “tribo”, com costumes, vocabulários e ritos específicos. Um dos principais “ritos de iniciação” para que o profissional novato ou “foca” se torne parte da tribo, “[...] é a capacidade de saber quais são os fatos que merecem virar notícia. Ou seja, como atribuir valor a critérios de noticiabilidade, segundo o que chamam de *farô jornalístico*” (PENA, 2005, p. 120). Nessa seleção, além dos requisitos mencionados, há a influência da formação social e discursiva dos emissores, além das especificidades dos diferentes textos jornalísticos.

A primeira tentativa de sistematizar academicamente os critérios de noticiabilidade³ foi realizada por Galtung e Ruge em 1965 (apud. Traquina, 2005, p. 69-70), os autores propuseram a seguinte classificação: frequência ou duração dos acontecimentos, amplitude do evento, clareza, significância, consonância, inesperado, composição, referência a nações de elites, personalização e negatividade.

Traquina (2005, p. 79) adota também um sistema de classificação dos valores-notícia, destacando a morte como fundamental, o que explicaria a negatividade do mundo jornalístico, pois “[...] onde há morte, há jornalistas”. Acreditamos que a morte é tão importante por, não raro, está associada a outros critérios de noticiabilidade, tais como: a violência e a infração⁴.

O autor destaca também outros aspectos negativos, entre eles: o conflito e o escândalo, como elementos potencializadores das notícias. Ressaltamos que tais critérios não são estanques e operam em conjunto, ou seja, quanto mais

³ Neste trabalho, apesar das controvérsias teóricas, consideramos critérios de noticiabilidade e valores-notícia como sinônimos.

⁴ Por infração, entendemos aquilo que diz respeito à transgressão das regras ou violação de alguma lei ou norma estabelecida socialmente, seja ela moral ou legal.

valores-notícia um determinado fato possuir hoje, maior a probabilidade de o encontrarmos no jornal de amanhã.

Partindo do pressuposto que charge é um gênero jornalístico, conforme defende Marques de Melo (1994), ela não poderia deixar de se influenciar, *grosso modo*, pelos mesmos critérios de noticiabilidade da notícia, ressaltadas suas peculiaridades como texto opinativo. Isso significa, também, afirmar que a charge toma parte do processo de agendamento dos temas midiáticos, colaborando com a discussão pública e com o processo de formação da opinião.

A importância da charge enquanto texto decorre não só do seu valor como documento histórico, como repositório das forças ideológicas em ação, mas também, como espelho do imaginário da época e como corrente de comunicação subliminar, que ao mesmo tempo projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vista, ideologias em circulação. (FLÔRES, 2002, p. 10).

A relação do humor com a crítica social, que tem na charge um grande expoente, já era percebida e comentada há muito tempo. Para o filósofo Henri Bergson, o riso é uma forma de castigo, como já expressava o ditado latino “*castigat rindendo mores*”, ele afirma que “o riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar a vítima dele uma impressão penosa. [...] o riso não atingiria o seu objetivo se carregasse à marca da solidariedade e da bondade”. (BERGSON, 1980, p. 99).

Está na própria natureza polêmica da charge essa necessidade da crítica ao cotidiano, mantendo, muitas vezes, uma visão pouco positiva da sociedade. Isso pode ser bastante observado no Brasil, onde as mazelas sociais abundam, sobretudo, as históricas desigualdades, conforme lembra Flôres (2002, p. 11): “Tipo de texto *sui generis* mostra e conta, ao mesmo tempo, os conflitos sociais.” Diante disso, partimos da hipótese que, muitas vezes, tais desenhos mantêm uma postura conformista frente à realidade social, posição também defendida por Fonseca (1999, p. 19) ao se referir a caricatura⁵:

A caricatura desempenha na sociedade um papel paradoxal. Por um lado, ela deforma, para melhor fustigar. Mas por outro lado, ela se encoberta com as vestes do moralismo, do puritanismo e até mesmo do conformismo. A exploração que faz do descontentamento e da inconformidade não se exime das ambivalências

⁵ O termo caricatura está empregado no seu sentido geral, contemplando, além da charge, o cartum e as histórias em quadrinhos.

e contradições peculiares às situações políticas, caindo com frequência no conservadorismo e na contradição.

A partir desses conceitos, propusemos uma classificação dos temas predominantes nas charges. Ressaltamos que há correlações entre as categorias propostas, por exemplo: uma charge que remeta a um assassinato, por razões óbvias, a enquadraríamos na categoria “morte”, porém, sabemos que esse desenho também está ligado à “infração” ou ainda ao “conflito”, (essa inter-relação temática é oriunda da própria natureza heterogênea desses desenhos). Por conseguinte, não pretendemos dar um caráter científico a tal metodologia, ela se presta assim para melhor demonstrar os valores negativos encontrados nas charges.

Valores-notícia	Ocorrências
A. escândalo ou infração	05
B. conflito ou controvérsia	13
C. morte, destruição ou acidente	09

Figura 1: Quadro 1: Valores-notícia das charges

Segundo os dados exibidos acima, das 30 charges do mês de maio do *Diário de Pernambuco*, 27, o que equivale a 90% dos temas pode ser considerado de caráter negativo. Houve uma predominância da categoria “conflito ou controvérsia”, isso se deve também pela própria característica da charge, que tem por objetivo realizar uma crítica, especialmente, de caráter político e, por isso mesmo, mantém uma relação conflituosa com outros textos ou discursos⁶. Essa afirmação se torna clara quando lemos a definição desse gênero textual, segundo Fonseca (1999, p. 26): “[...] um cartum em que se satiriza um fato específico, tal como uma idéia, um acontecimento, situação ou pessoa, em geral de caráter político, que se já do conhecimento público”.

À luz dessas considerações, procuramos demonstrar, com exemplos retirados do nosso *corpus*, como se dá o efeito de sentido de negatividade, analisando tanto a imagem como o texto verbal.

⁶ Sobre a relação polêmica entre discursos, também denominada de “interincompreensão discursiva”, conferir Maingueneau (2005).

2 O semi-simbolismo e o contexto histórico na construção da negatividade

A semiótica francesa desenvolvida a partir da influência *saussuriana* em Algirdas Julien Greimas tem o texto como objeto de estudo. Ela procura, de acordo com Barros (1990, p. 7), “[...] explicar e descrever o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Greimas (1970), partindo dos conceitos de Louis Hjelmslev, define dois planos da linguagem, o plano de conteúdo e o plano de expressão. O primeiro é veiculado pelo plano de expressão, mantendo uma relação necessária e recíproca de existência com ele. Tomemos um exemplo: no caso da fala, os fonemas compoem o plano de expressão e os conceitos e as idéias sugeridas, por aqueles sons, o plano de conteúdo. Apesar de formarem um conjunto indissociável, durante muito tempo, a semiótica priorizou o plano de conteúdo em detrimento ao plano de expressão, conforme observa Pietroforte (2004, p. 08):

Colocado de lado em um primeiro momento do desenvolvimento teórico da semiótica, o plano da expressão passa a ser tomado como objeto de estudo quando uma categoria do significante passa a se relacionar com uma categoria do significado, ou seja, quando há uma relação entre uma forma de expressão e uma forma de conteúdo.

Contudo, a partir das reflexões da semiótica visual ou planar, há uma alteração nesse ponto de vista, sobretudo com o surgimento do conceito de “semi-simbolismo”. Mas em que consiste tal teoria? Segundo Pietroforte (2004), quando há uma relação de significação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, estamos diante de um estatuto semiótico semi-simbólico. Logo, hipoteticamente, quando em uma charge que trata da questão da escravidão e da liberdade (plano de conteúdo), tivermos uma relação entre esses temas e as cores empregadas na feitura do desenho, por exemplo: a policromia associada à liberdade e a monocromia associada à escravidão, temos aí uma relação semi-simbólica. Esse fenômeno é bastante encontrado nas artes plásticas e foi sistematizada por Jean-Marie Floch na obra *Petites mythologie de l’oeil et de l’espirit*. Para o autor, o semi-simbolismo possui raízes culturais e históricas.

O “plano de expressão” é o plano onde as qualidades sensíveis que exploram uma linguagem para se manifestar são selecionadas e articuladas entre si por contornos diferenciais. O plano de conteúdo é o plano no qual a significação nasce dos contornos diferenciais, graças a eles cada cultura, para

pensar o mundo, ordena e encadeia idéias e narrativas. (FLOCH, 1985, p. 189, tradução nossa) ⁷.



Figura 2: Fonte: Diário de Pernambuco

Ao analisarmos o plano de conteúdo da nossa primeira charge, publicada no dia três de maio de 2004, temos a categoria semântica mínima *liberdade vs. opressão*. Isso decorre pela figura de um árabe preso a umas correntes, maltrapilho e localizado no lado esquerdo da charge. Contrapondo-se a isso, temos a figura de um homem saudável, com roupas que lembram os Estados Unidos da América, (o *tio Sam* ou o presidente Jorge W. Bush), apontando

⁷ Le 'plan de l'expression', c'est le plan où les qualités sensibles qui exploitent un langage pour se manifester sont sélectionnées et articulées entre elle par des écarts différentiels. Le 'plan du contenu', c'est le plan où la signification naît des écarts différentiels grâce auxquels chaque culture, pour penser le monde, ordonne et enchaîne idées et récits (FLOCH, 1985, p. 189).

com a mão em riste para o prisioneiro. O que o chargista pretende fazer com essa imagem é denunciar a falta de liberdade e as torturas no Iraque, expressa nitidamente no enunciado: “Não se preocupe vamos investigar as denúncias sobre tortura no Iraque com o mesmo empenho que tivemos para descobrir os verdadeiros responsáveis pelo 11 de setembro”. A frase se constituiu em um forte elemento de crítica à opressão, graças ao uso do pronome “mesma”, uma vez que remete, intertextualmente, a um discurso contrário às ações bélicas dos americanos no Iraque e, ainda, aos equívocos cometidos por eles no processo de invasão daquele país.

Sabemos pela mídia — contexto — a forma como os EUA lidaram com os ataques às Torres Gêmeas e as acusações infundadas contra o Iraque na suposta produção de armas de destruição em massa, jamais provadas. O enunciado “não se preocupe” tem uma função irônica, já que é justamente o oposto que o prisioneiro deve pensar e, assim também, o leitor, graças ao repertório histórico-cultural dele. É então nessa ruptura entre o que foi dito e o que era esperado – se preocupe, sim –, que reside o efeito de sentido do humor. Conforme destaca Maingueneau (2001), a ironia produz uma encenação, um jogo, pois dentro do próprio enunciado há as marcas dessa subversão. “A enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo que é proferida” (MAINGUENEAU, 2001, p. 175).

No plano de expressão, temos a predominância das cores escuras no lado esquerdo e o colorido nas roupas do americano no direito. Além disso, as sombras estão todas direcionadas ou próximas ao prisioneiro, enquanto que o outro personagem não é afetado por elas, mas somente as produz. Dessa forma, ocorre aqui uma relação semi-simbólica, entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, que pode assim ser representada:

plano de conteúdo	opressão vs. liberdade
plano de expressão	escuro vs. claro sombras vs. luz

Figura 3:

Essa relação semi-simbólica instaura-se na dupla articulação entre os planos de conteúdo e de expressão, em decorrência da complexidade desse texto sincrético. Como o prisioneiro está quase a “beira da morte”, segundo o traçado

do chargista, classificamos essa charge na categoria “C – morte, acidente ou destruição”.



Figura 4: Fonte: Diário de Pernambuco

Na segunda charge do dia 19 de maio de 2004, temos a figura do globo terrestre com traços humanos como a boca, olhos e braços. A terra, metaforicamente representada na imagem, ergue o braço, em sinal de desespero, por estar se afogando em um mar de cor preta, preste a ser tragada por uma onda gigante. Sobre essa *tsunami*, encontramos um barril de petróleo. No plano de conteúdo da charge temos, semanticamente, a noção de *destruição vs. sobrevivência*. Essa figura mostra a tentativa da terra em resistir à onda do petróleo e conservar-se da “morte”, em contrapartida, tem-se a grandiosidade da onda que supera enormemente o tamanho do globo. Dessa forma, no plano de expressão

temos as categorias de grandiosidade vs. pequenez e, mais uma vez, a utilização da cor preta e de suas variações (monocromia), associada à destruição. O oposto ocorre com a terra, retratada em diversas cores (policromia).

plano de conteúdo	destruição vs. conservação
plano de expressão	grandeza vs. pequenez monocromia vs. Policromia

Figura 5:

O uso da linguagem verbal na charge direciona o receptor a um caminho de leitura desejado pelo autor do texto e também dá condições para que o primeiro perceba os efeitos de sentido intencionados. Em nosso caso a palavra “petróleo” remete ao contexto mundial, no qual as crises desse produto são constantes e afetam quase todos os países do mundo. Logo, o leitor necessita conhecer o contexto e as relações lingüísticas as quais determinam o sentido da charge sob pena de não decodificá-la profundamente. “Ao procurar comunicar uma idéia, o enunciador deve ter motivos para supor que o destinatário irá utilizar o contexto que conduzirá a interpretação desejada”. (ALMEIDA, 1999, p. 19). Por fim, o efeito de sentido sugerido pela charge é o de ameaça, por isso, a classificamos na categoria “C” que inclui o item destruição.

Nesse texto do dia 28 de maio de 2004, temos a imagem de um avião, no qual através de um balão típico dos desenhos de humor, lemos o seguinte enunciado: “Creio que estamos voltando ao espaço aéreo brasileiro, presidente...”. A aeronave se encaminha para uma nuvem de cor escura, onde há escrito em amarelo: “escândalo da saúde”. Há, também nesse quadro, uma relação entre os planos, pois se percorrermos o percurso gerativo de sentido, encontraremos a categoria semântica mínima: *tranqüilidade vs. conflito*, posto que do lado direito do quadro, temos o céu claro e límpido, onde, vemos figurativizado o avião presidencial e do seu lado oposto há nuvens escuras, como a indicar uma tempestade que se aproxima. Ora, conforme dito

anteriormente, esse processo de construção visual possui ancoragem histórica. Segundo Floch (2001, p. 29), nos quadros da Idade Média que representavam o Juízo Final, essa categoria visual esquerda/direita correspondia à relação recompensa/punição. O autor observa também que “[...] tais sistemas são mais recorrentes do que se imagina”. A partir dessas observações, propomos o seguinte quadro:



Figura 6: Fonte: Diario de Pernambuco

plano de conteúdo	conflito vs. tranquilidade
plano de expressão	grandeza vs. pequenez escuro vs. Claro

Figura 7:

Mais uma vez, temos uma visão do Brasil nitidamente negativa, reafirmando com isso a nossa hipótese inicial. Como a charge analisada deixa claro

no enunciado: “escândalo da saúde”, a categorizamos dentro de “B - conflito e controvérsia”.

3 Conclusão

Conforme vimos, as charges possuem, da mesma forma que os demais textos jornalísticos, a negatividade como um valor de seleção temática. As estratégias discursivas utilizadas pelos chargistas enfatizam a relação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão e conforme nos recorda Floch (2001, p. 29) “[...] muitos dos êxitos do discurso publicitário, visual e/ou textual, têm por fundamento semiótico a motivação dos signos que produz essa semi-simbolização”. Essa visão de mundo veiculada pelas charges está associada a fatores contextuais e históricos, pois as inúmeras dificuldades brasileiras (má distribuição de renda, desemprego, violência, corrupção e fome) são um rico material para a crítica e para a reflexão social.

Além do exposto, a charge serve para testemunhar os valores culturais e ideológicos de uma dada época por estar, necessariamente, vinculada à atualidade. Por conseguinte, é provável que daqui a algumas centenas de anos, ao se deparar com as imagens analisadas, um provável historiador possa concluir que vivemos, tristemente, em um país bastante desagradável e conflituoso ou encare as charges com o olhar benevolente, interpretando-as como um exagero e quiçá sorria. Essas possibilidades (e não apenas elas) estarão condicionadas, entre outros fatores, ao repertório cultural e ao conhecimento do contexto histórico exigidos do nosso historiador. Atento ao percurso do homem ocidental no tempo, ele perceberá que rir dos problemas foi uma constante no desenvolvimento humano. Tido como uma função transgressora e tipicamente humana (BERGSON, 1980), o riso serviu para, paradoxalmente, expurgar e apontar o mal e a negatividade, companheiros dos mortais – talvez, essa relação fosse uma tentativa inglória de controlá-los.

Não é sem razão que desde os tempos homéricos, conforme lemos na Odisseia e na Ilíada, que o humor esteve associado à morte e à violência. Como sabemos era comum rir do inimigo – o riso de escárnio e a zombaria, além do riso fúnebre e doloroso da morte. Por essa razão, pensamos o contrário de Rabelais, uma vez que não apenas o riso é tipicamente humano, mas as lágrimas que, muitas vezes, a ele se misturam, provocando e evocando sentidos e sentimentos. Conforme destaca Georges Minois: “A proximidade do riso com o medo e com a morte é muito significativa – mas o que significa? O riso é um antídoto do medo ou, ao contrário, uma paixão agressiva, ameaçadora?” (MINOIS, 2003, p. 45). Essa é certamente uma desafiante questão.

4 Bibliografia

- ALMEIDA, F. (1999), *Linguagem e Humor: Comicidade em Lés Frustrés*, de Claire Bretécher, Rio de Janeiro: EdUFF.
- BARROS, D. P. (1990), *Teoria semiótica do texto*, São Paulo: Ática.
- BERGSON, H. (1980), *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, Rio de Janeiro: Zahar.
- CANCLINI, N. G. (1995), *Hybrid cultures: strategies for entering and leaving modernity*, Minneapolis: University of Minnesota Press.
- FIORIN, J. L. (2005), *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo : Contexto.
- FLOCH, J. (1985), *Petites mythologie de l'oeil et de l'esprit – pour une Sémiotique Plastique*, Paris-Amsterdam : Editions Hadès-Benjamim.
- FLOCH, J. (2001), “Alguns conceitos fundamentais em semiótica”, *Documentos de estudos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*, 1: 189-207.
- FLÔRES, O. (2002), *A leitura da charge*, Canoas: ULBRA.
- FONSECA, J. (1999), *Caricatura: a imagem gráfica do humor*, Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- GREIMAS, A. (1970), *Du senses*, Paris : Seuil.
- MAINGUENEAU, D. (2001), *Análise de textos de comunicação*, São Paulo: Cartaz.
- MAINGUENEAU, D. (2005), *Gênese dos discursos*, Paraná: Criar.
- MARQUES DE MELO, J. (1994), *A opinião no jornalismo brasileiro*, Petrópolis: Vozes.
- MINOIS, G. (2003), *História do riso e do escárnio*, São Paulo: Edusp.
- PENA, F. (2005), *Teoria do jornalismo*, São Paulo: Contexto.
- PIETROFORTE, A. V. (2004), *Semiótica Visual: os percursos do olhar*, São Paulo: Contexto.

SARDAR, Z.; LOON, B. Estudios Culturales para todos. Barcelona: Paidós, 2005.

TRAQUINA, N. (2005), Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são, Florianópolis: Insular.

WOLF, M. (2005), Teorias das comunicações de massa, São Paulo: Martins Fontes.